

A NATUREZA RETICULADA DAS CIDADES E DO URBANO ¹

THE RETICULATED NATURE OF THE CITIES AND THE URBAN

Luciano Antonio Furini²

Unesp: <https://orcid.org/0000-0003-0754-3844>

DOI: [10.21680/1982-1662.2023v6n36ID31467](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2023v6n36ID31467)

Resumo

A urbanização é um fenômeno mundial que se constitui a partir de inúmeros vetores em que as cidades são os principais nós das redes interurbanas, mas que guardam inúmeras redes intraurbanas. É no contexto de uma crescente complexidade tecnológica que tais vetores diferenciam o território e produzem cidades com papéis diferenciados, gerando padrões bastante diversos de redes urbanas, mas que guardam a potencialidade de redefinição espacial segundo as tendências contidas na lógica do mercado e nos diferentes formatos de atuação dos governos e instituições. A remodelação dos territórios é acionada a partir de diferentes escalas geográficas em que as escalas de comando e de impacto polarizam os fluxos das redes em ritmos ditados de acordo com os setores que desencadeiam a estruturação e as práticas espaciais. Neste texto, será apresentado o caráter reticulado da cidade e do urbano e seus desdobramentos no processo de fragmentação socioespacial urbana. Os resultados são oriundos das pesquisas sobre redes socioespaciais em cidades brasileiras e mostram que na análise espaço-temporal da cidade e do urbano as redes constituem um elemento central e seu estudo permite compreender tendências centrais de temas tão caros ao conhecimento geográfico.

¹ Este trabalho é resultado dos debates desenvolvidos no âmbito do Projeto Temático “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos”, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

² E-mail: luciano.antonio@unesp.br

Palavras-chave: Redes. Cidades. Urbano. Fragmentação socioespacial.

Abstract

The urbanization is a worldwide phenomenon that constitutes of countless vectors in which the cities are the main knots of the interurban networks, but that hold countless intraurban networks. It is in the context of a growing technological complexity that those vectors differentiate the territory and produce cities with different roles, generating very distinct patterns of urban networks, but that hold the potentiality of spatial redefinition according to the trends inside the logic of the market and in the varied forms of action of the governments and institutions. The remodeling of the territories is triggered by different geographic scales in which the command and impact scales polarize the network flow in rates dictated according to the sectors that trigger the structuring and spatial practices. In this text, the reticulated character of the city and the urban, and its developments in the process of urban socio-spatial fragmentation will be presented. The results are from the researches about socio-spatial nets in Brazilian cities and they show that in the space-time analysis of the city and the urban the nets are a central element and its study allows us to understand central trends in topics so estimated to the geographic knowledge.

Keywords: Networks. Cities. Urban. Socio-spatial fragmentation.

Introdução

O espaço geográfico é um âmbito em que as redes são constituídas enquanto sistema de articulação, composto por características complexas e dinâmicas. Particularmente, as redes radicadas nas cidades, que articulam de modo muito peculiar escalas intraurbanas e interurbanas, formam mosaicos superpostos que geram uma diversidade de configurações espaciais. Nesse sentido, compreender as lógicas

das redes frente aos inúmeros processos, no âmbito da cidade e do urbano, permite leituras importantes que podem ser apoiadas em conceitos geográficos.

Considerando que os padrões das redes estão relacionados aos tipos de práticas socioespaciais, e que estes, em conjunto, podem revelar articulações ligadas ao processo de fragmentação socioespacial³, este estudo tem por objetivo apresentar o caráter reticulado do urbano e da cidade no contexto da lógica fragmentária. Os procedimentos metodológicos foram compostos por levantamento bibliográfico e análises dos perfis de redes desenvolvidas no projeto temático. Os resultados incluem a identificação de padrões reticulados na cidade e no urbano e sua correspondência com as barreiras e os limites gerados a partir de lógicas de seletividade e negação do outro nos espaços urbanos, com uma espécie de esgotamento da lógica centro-periférica frente aos ditames da lógica fragmentária.

Buscando caracterizar a opção por distinguir em um primeiro momento as redes enquanto urbanas, técnicas e sociais, destaca-se uma breve caracterização sobre o potencial da abordagem das redes na Geografia.

A tradição dos estudos sobre redes urbanas constitui importante abordagem que caracteriza o conceito de redes na Geografia. Ademais cria, de certo modo, uma esfera a partir da qual os desdobramentos das pesquisas sobre redes são desenvolvidos.

Em Corrêa (1997) encontramos um conjunto de tipificações cuja abrangência pode impulsionar inúmeros desdobramentos nos estudos. Este autor apresenta um esforço de tipificação das redes geográficas. Para tanto, o autor divide sua proposta de análise de redes em três dimensões: organizacional, temporal e espacial, que estariam associadas entre si. Destacando as especificidades espaciais e conectivas de tais redes, o autor as define como “um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações” (CORRÊA, 1997, p. 111-112). Os exemplos relacionados às três dimensões, apresentadas pelo autor, demonstram a característica eminentemente geográfica das redes.

Souza (2013) apresenta uma trajetória elementar do modo como a ideia de redes está direta e indiretamente presente na Geografia. Embora sem um aprofundamento, que inclusive não caberia ao formato da proposta do livro, o autor

³ O conceito de fragmentação socioespacial (PRÉVÔT-SHAPIRA, 2001; PRÉVÔT-SHAPIRA e PINEDA, 2008; SPOSITO e GÓES, 2013, SPOSITO, 2019 e SPOSITO, 2020) é central no referido projeto temático e caracterizado como um processo em constituição no espaço urbano.

faz emergir a rede presente em diversas abordagens, desde as redes técnicas, passando pelas redes sociais e urbanas, potencializando abordagens ora mais abstratas, ora mais concretas, consegue revisitar conceitos geográficos pelo olhar das redes.

Já as redes técnicas, indissociáveis das redes urbanas, são destacadas enquanto constructo teórico no qual as ausências e presenças das ações, normatizações e objetos que os seres humanos dispõem para interagir com o meio e enquanto meio geográfico, ao modo como Santos (2004) apresenta, desde uma relação mais espontânea até uma relação cada vez mais deliberada e artificializada no âmbito indissociável sociedade natureza. Deste modo, desde as técnicas consideradas mais rudimentares até as mais recentes inovações científicas e informacionais nos desdobramentos das formas de divisão do trabalho, as redes técnicas constituem um meio potencializador das interações espaciais e das formas interescales da Geografia.

As obras organizadas por Castro, Gomes e Corrêa (2000) e Dias e Silveira (2005) são emblemáticas de um momento em que a Geografia apresenta as novas dinâmicas das redes técnicas em suas abordagens e o termo redes parece ser inevitável em muitas análises. A ideia/proposta “Por uma Geografia das redes” presente na obra de Santos (2004) pareceu, assim, sintetizar a busca por um conceito latente nas abordagens geográficas passadas, presentes e “futuras”. A continuidade mais elementar, então, é estender o debate em diferentes abordagens geográficas para compreender o que permanece enquanto características geográficas na noção.

Diante da importante tradição das pesquisas sobre redes urbanas e técnicas, as redes sociais parecem tangenciar o debate sobre redes na Geografia, no entanto podem ser encontradas em estudos sobre migrações, turismo, mídias digitais e internet, entre outros.

A análise de redes sociais compõe variados conjuntos de procedimentos metodológicos, em diferentes áreas do conhecimento. Em geral, as técnicas que fazem parte deste tipo de metodologia permitem identificar as principais características de grupos ou indivíduos de acordo com os temas pesquisados e os contextos envolvidos. A importância deste procedimento está relacionada, também, ao modo como o resultado é apresentado e aos padrões identificados; assim, de acordo com estes resultados, é possível compreender dinâmicas que outros

procedimentos não conseguem representar com o mesmo grau de especificidade. Outra característica importante é a possibilidade de elaboração de quadros comparativos detalhados entre os resultados alcançados, permitindo análises entre diversos âmbitos. Um ponto de apoio em relação ao modo de aplicação da análise de redes em pesquisas sobre fragmentação socioespacial está relacionado ao fato de que uma das questões centrais desse processo relaciona-se com a qualidade das interações e vínculos sociais nas relações socioespaciais.

As gêneses da cidade e do urbano

Na história é bem possível apresentar, com certo grau de confiabilidade, informações sobre o surgimento de uma ou outra cidade específica na antiguidade, porém a constituição da cidade, enquanto modelo padrão das aglomerações sedentárias humanas, é objeto de muitas conjecturas e compõe periodicidades e tipologias variadas.

A constituição da cidade como forma evoluída e disseminada das aglomerações humanas é apresentada por Mumford (1998) enquanto resultado de um conjunto de fatores de aprimoramento da vida em sociedade territorialmente fixada. Entre estes fatores encontra-se como que a essência da relação cidade e urbano, qual seja, as inúmeras divisões territoriais do trabalho, que constituem o cerne da dinâmica reticulada das cidades e do urbano.

É no contínuo sistema de *afastamento, influência e atração* que as divisões do trabalho rearticulam os níveis de interatividade na cidade e no urbano, potencializando barreiras e seletividades que radicam e erradicam as interações socioespaciais.

Neste estudo serão apresentados três eixos argumentativos sobre a natureza reticulada do urbano e da cidade: a) as formas hierárquicas e heterárquicas nas redes urbanas; b) as redes nos processos de estruturação e reestruturação das cidades; c) os vetores em rede na dinâmica da fragmentação socioespacial. É no contexto dinâmico da cidade e do urbano que a fragmentação socioespacial explica uma nova fase da urbanização.

Os levantamentos bibliográficos sobre a cidade e o urbano e os resultados e características das pesquisas realizadas em três cidades brasileiras⁴, Maringá (PR), Ribeirão Preto (SP) e Guarulhos (SP), forneceram a base das argumentações aqui apresentadas, em que são considerados os padrões das práticas espaciais em rede e os perfis das cidades na análise da fragmentação socioespacial.

Parte-se do princípio que o processo de fragmentação socioespacial gera e é condicionado por intencionalidades presentes no espaço urbano, que fomentam rupturas e seletividades passíveis de análise a partir dos estudos das redes, nesse sentido, as práticas espaciais urbanas enfrentam inúmeras barreiras, que limitam ou condicionam as relações em redes.

As formas hierárquicas e heterárquicas nas redes urbanas

Ao apresentar as principais características dos conceitos de cidade e de urbano, particularmente para o caso brasileiro, Lencioni (2008) destaca a importância de se compreender que “conceitos e teorias são [...] imanentes uns aos outros”. Como exemplo a autora cita a concepção do urbano segundo a abordagem de Henri Léfèbvre.

Hoje vivemos num mundo novo onde as redes e os fluxos tecem conexões entre os lugares e alteram a ideia de próximo e distante. Esse é um dos aspectos do mundo atual que indica o desenvolvimento de uma sociedade pós-industrial, ou seja, de uma sociedade que “nasce da industrialização e a sucede”, como diz Léfèbvre e que ele denomina de sociedade urbana. (LENCIONI, 2008, p. 118)

Segundo a autora, ao se adotar a concepção de Léfèbvre sobre o urbano é necessário que determinadas características da industrialização estejam presentes.

Embora tenhamos cidades no Brasil desde a colônia, a constituição do urbano, a partir das referências examinadas, lhe é posterior. Está se considerando que é imanente ao conceito de urbano, o de industrialização moderna e o de sociedade industrial. (LENCIONI, 2008, p. 120)

É possível identificar outras concepções sobre o conceito de urbano, que permitem situar o urbano em outros períodos, como em Remy e Voye (1976), em que o urbano não está relacionado à sociedade capitalista industrial, mas com

⁴ No projeto citado são pesquisadas cidades de diferentes portes: Chapecó/SC, Dourados/MS, Ituiutaba/MG, Marabá/PA, Maringá/PR, Mossoró/RN, Presidente Prudente/SP, Ribeirão Preto/SP, Guarulhos/SP e São Paulo/SP.

especificidades das sociedades nos primórdios da colonização. Ou seja, em períodos bastante diferentes. Assim, dependendo da referência teórica em que se constrói o quadro argumentativo podem surgir diferentes caracterizações do urbano (LENCIONI, 2008).

De qualquer modo, todas as referências ao urbano guardam a referência de uma matriz reticulada em que as interações entre as cidades, somadas aos tipos de modos de produção e de desenvolvimento (CASTELLS, 1999), configuram redes urbanas.

O modo como as cidades se relacionam a partir dos processos de divisão territorial do trabalho pode ser classificado segundo duas concepções, uma hierárquica e outra heterárquica. A primeira apresenta formas de rede que poderíamos classificar como: centralizada, distribuída ou descentralizada, variando conforme o grau de subordinação, somado ao de proximidade entre as cidades, já a segunda constituiria uma rede interativa em que as relações de “longa distância” entre as cidades também estariam presentes e as articulações prescindem da proximidade como fator de classificação das relações em rede. Ademais, seria possível, também, questionar a própria natureza da classificação da hierarquia como rede, já que também poderiam ser utilizadas as formas de circuito ou de pirâmide para exemplificar as classificações que tratam da hierarquia das cidades em determinado território.

No estudo “Regiões de Influência das cidades” (REGIC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), é possível observar aspectos da utilização das duas concepções anteriormente apresentadas, na Teoria das Localidades Centrais de Christaller (1966), em que predomina a concepção hierárquica, e na Teoria dos Fluxos Centrais de Taylor (2004), em que outros níveis de complexidade são considerados na caracterização da rede urbana, como as relações de longa distância e o papel dos centros de gestão do território.

Ademais, o debate sobre heterarquia ganha contornos importantes frente aos estudos sobre redes urbanas, particularmente por permitir identificar novas potencialidades de articulações entre as escalas geográficas.

Um conjunto de elementos que buscam identificar as articulações interescares na rede urbana. É a horizontalidade articulada ao processo de concentração espacial na relação espaço-tempo do território brasileiro que nos permite olhar para as interações espaciais

no âmbito do paradigma hierárquico, mas com novas qualidades dadas por interrelações da totalidade das escalas geográficas. (TEIXEIRA e CATELAN, 2019, p. 4)

Muitas das características reticulares do urbano, foram apresentadas, particularmente a partir de exemplos da rede urbana brasileira, como nas obras de Corrêa (1989, 2004 e 2006) e Santos (1989 e 1996), entre outras, que permitiram vislumbrar dois aspectos fundamentais do urbano: a diversidade e especificidades das divisões; e as intensidades e tipos de interações. Nesse sentido as redes urbanas e compostas por inúmeros tipos de cidades são um constante processo de divisão e união, cuja dinâmica é dada pelas matrizes próprias dos modos de produção e de desenvolvimento.

As redes nos processos de estruturação e reestruturação das cidades

Considerando que reestruturação urbana (escala interurbana) e da cidade (intraurbana) (SPOSITO, 2007) são processos que remetem aos padrões das divisões do trabalho no âmbito espacial (região, território, entre outros), referindo-se, particularmente, a mudanças profundas e significativas que alteram a estruturação do urbano e da cidade. Estes processos revelam aspectos como alterações na intensidade e localização de centralidade, na mobilidade, no uso e apropriação, entre outros. Neste tópico privilegia-se a estruturação e reestruturação das cidades, ou seja, destaca-se os aspectos intraurbanos.

Estruturar e reestruturar as cidades é também gerar, estabelecer, ativar, refuncionalizar, redefinir, desativar e adotar redes. Trata-se, assim, de dinâmicas que para serem conhecidas é imprescindível tanto a leitura da historicidade do espaço, quanto a análise de redes, em suas dimensões sociais, técnicas e urbanas, considerando as especificidades de cada período.

As cidades constituem uma espécie de potência para articulações internas e externas, em que os elementos são ativados ou não, de acordo com determinadas características que constituem sua “identidade” ou que alteram sua estrutura ou seus conteúdos internos. Parte do processo de reestruturação das cidades, por exemplo, está relacionada ao modo como são redefinidas algumas áreas da cidade, como a antiga periferia, que agora ganha novos conteúdos.

São implantados loteamentos urbanos, muitos deles fechados, voltados para segmentos de médio e alto poder aquisitivo, novos espaços de

comercialização de bens e serviços e, ainda, centros de atividades, nos quais se mesclam e integram usos residenciais, industriais, comerciais e de serviços. (SPOSITO, 2007)

Os novos conteúdos são, também, novas formas advindas da articulação dos grupos de interesses na implantação de equipamentos e produtos imobiliários que redefinem os fixos e os fluxos da estrutura da cidade e de seus conteúdos. Novas interações surgem e geram vínculos sob o domínio de novas lógicas, como a fragmentária.

São diversos os tipos de agentes que participam do processo de reestruturação das cidades, como os incorporadores imobiliários, as grandes redes empresariais e as diferentes instâncias governamentais, que formam um conjunto de vetores que conformam os espaços das cidades segundo padrões externos e especificidades internas. As demandas geradas por segmentos da população, geralmente impulsionadas pela mídia, acabam por ativar as ações dos inúmeros agentes produtores do espaço urbano, em Corrêa (1995) são caracterizados os papéis dos principais agentes na produção do espaço urbano.

Estudar a estruturação e a reestruturação é, também, estudar as redes envolvidas nos processos de expansão das cidades. A dinâmica das redes no processo de estruturação e reestruturação torna-se mais evidente quando é possível observar o grau das mudanças nas estruturas das cidades.

Nessa perspectiva, a estrutura urbana por si só é considerada apenas como momento específico de certo recorte espacial, enquanto a ideia de estruturação abarca o movimento constante de produção e transformação urbana e da cidade em suas bases socioespaciais. Portanto, não é uma visão da cidade como conjunto estático, mas em seu movimento de constituição que nunca finda (COCATO, 2021, p. 41)

É no movimento de explosão ou retração dos fixos e dos fluxos que as dinâmicas em rede são reveladas enquanto processo contínuo de estruturação ou reestruturação das cidades.

Os vetores em rede na dinâmica de fragmentação socioespacial

Como destacado anteriormente, a rede urbana, gerada no processo de divisão do trabalho, reflete a complexidade das formas espaciais e as respectivas hierarquias e heterarquias formadas nos âmbitos inter e intraurbanos, revelando, assim, problemas inerentes à cidade contemporânea, como a segregação e a fragmentação

socioespacial, que lançam novas dificuldades ao planejamento urbano. É premente compreender as formas de desigualdades presentes no espaço urbano, para ser possível propor alternativas aos limites do planejamento.

A fragmentação socioespacial urbana não é um fenômeno recente, porém, a forma como sua dinâmica está se propagando ganhou contornos muito específicos na atualidade. Tanto em regiões metropolitanas, como em grandes cidades e cidades médias é possível observar dinâmicas próprias deste processo de fragmentação. Até em cidades de porte médio é possível notar tendências importantes neste sentido, conforme destacado em Alves e Furini (2020). Ademais, considerando a os níveis de interação na rede urbana é possível inferir que, também, nas pequenas cidades ocorram importantes reflexos do processo de fragmentação, pois o termo “pequena” atribuído a cidades deste porte refere-se apenas ao aspecto físico-territorial e não aos papéis desempenhados pelas mesmas, que podem ser muito variados e, muitas vezes, com desempenhos setoriais bastante expressivos na rede urbana.

As mudanças no processo de urbanização são resultado de uma série de fatores que lançam novos desafios teóricos. Tais mudanças são mais bem apreendidas por meio da análise de processos que revelam a natureza socioeconômica e espacial das diferenças e das desigualdades, como no caso dos processos de segregação e fragmentação socioespacial.

A percepção das novas dinâmicas urbanas, e das tendências que apontavam para mudanças estruturais importantes, ganhou novos olhares a partir de estudos que contribuíram significativamente para a compreensão dos processos de segregação e fragmentação. Com uma análise peculiar sobre a estruturação da metrópole paulista Langenbuch (1971) já destacava os níveis de complexidade apresentados nesta porção da rede urbana, que remete a novos arranjos espaciais.

A importante caracterização da segregação apresentada por Caldeira (2000), entre outras contribuições, já destacava as diferentes expressões da segregação social a partir da realidade urbana de São Paulo. Segundo a autora a segregação produziu outrora uma cidade concentrada, seguida do modelo centro periferia, que com o surgimento dos enclaves fortificados apontava para o processo de fragmentação, o qual implicava alterações nos valores da cidade moderna (CALDEIRA, 2000).

Santos (1990), ao apresentar o processo de urbanização da metrópole da grande São Paulo, adota a ideia de cidade fragmentada nos estudos urbanos, associa a

tendência à expansão territorial ao aumento “dos diferenciais preços relativos não apenas entre o centro e a periferia” (p. 90), e enfatiza a importância da economia política para a geografia urbana. O autor ainda destaca que a estruturação do espaço urbano paulistano é reflexo da organização por parte do poder público, que privilegia os interesses do capital privado, transformando São Paulo em uma cidade não apenas corporativa, mas fragmentada social e economicamente, sendo uma tendência não exclusiva da metrópole, pois observa-se o processo em cidades de diferentes portes.

Enquanto uma expressão do urbano caracterizada em determinados padrões de cidades, a fragmentação socioespacial constitui uma espécie de identidade do urbano e das cidades no período contemporâneo. Neste artigo pretende-se destacar o caráter interativo - embora condicionado - presente na lógica fragmentária.

Actualmente el estudio de la fragmentación urbana reconoce fundamentalmente dos líneas de análisis: por un lado, aquella que se halla ligada a procesos de desigualdad social y barreras materiales y/o inmateriales; y por el otro, la que se relaciona con las discontinuidades en el proceso de expansión de la trama urbana producto de los procesos de metropolización. (GUZMÁN RAMÍREZ; HERNÁNDEZ SAINZ, 2013, p. 42)

Tanto as desigualdades e as barreiras quanto as discontinuidades guardam uma importante característica reticular, qual seja, a dimensão dicotômica-complementar, que confere modalidades interativas ao processo de separação, ou seja, a implantação de rompimentos forjados nos quais se reforça, com mais ênfase, apenas os vínculos que interessam aos grupos dominantes, que buscam controlar os acessos, os usos e as apropriações dos espaços.

É justamente o aumento da distância entre a cidade compacta, que revela aspectos de unidade da sociedade, e a cidade fragmentada, que remete aos novos formatos dos distanciamentos - material e social - e redefine inclusive as formas de pesquisas do urbano e da cidade, que está em questão (SOUAMI, 2002). As redes, que remetiam a certas formas de unidade da sociedade foram, também, redefinidas e passam agora a contar com novas tipologias de interação, caracterizadas por novos graus de vínculos de dominação e subordinação, como modalidades de interação frente aos fragmentos superpostos da nova lógica urbana. Ambientes autosssegados, por exemplo, guardam interações em que os vínculos ganham intensidade de controle e maior nível de dominação, levando a contatos bastante seletivos que relativizam a alteridade.

No bojo da fragmentação socioespacial parece ocorrer certa dissociação entre urbanidade e sociedade urbana, gerando outras espécies de problemas urbanos; a urbanidade estaria ameaçada, tanto pela nostalgia da cidade ideal, quanto pelas formas de sociabilidade exclusivas (PAQUOT, 2002).

A aparente contradição entre o processo de geração de rupturas ou distanciamentos nas cidades e o processo de urbanização, enquanto elemento unificador, é obviamente a essência do urbano em seus conjuntos de interações socioespaciais sobrepostos em padrões de unidade. As novas dinâmicas das interações em redes, no âmbito da fragmentação, potencializam leituras sobre os níveis das rupturas e distanciamentos nas cidades e sobre como este novo padrão de desigualdades modificou a lógica da urbanização.

Considerações finais

Considerando os aspectos apontados, conclui-se que o caráter reticulado do urbano e da cidade está tão intrínseco aos dois conceitos que o termo rede acabou por ser negligenciado enquanto conceito geográfico.

Em relação ao urbano é possível notar que o caráter dicotômico do par divisões-interações remete a um processo constante de constituição e remodelação de redes. Note-se que em redes urbanas o que mais potencializa a interação é a gênese da divisão do trabalho, que desenraizou determinados processos em uma escala para colocá-los em evidência e com singularidades em outras. É a própria divisão territorial do trabalho, por exemplo, que gera as redes de relações técnicas e sociais que constituirá a base da rede urbana.

Nas cidades, tanto o processo de estruturação, quanto o de reestruturação possibilitam identificar vetores de redes. É na caracterização destes dois processos que mais se nota como as redes estão presentes na história das cidades. No primeiro define-se uma estrutura e seus conteúdos a partir da conjuntura de surgimento do aglomerado em determinada área, que depende de uma série de fatores espaciais, no segundo redefine-se aspectos da estrutura e de seus conteúdos quando ocorrem mudanças significativas, mas que refletem a influência de fatores mais pontuais ou setoriais, próprios dos modos de produção e de desenvolvimento.

Já a tendência ao processo de fragmentação urbana revela que a dinâmica de constituição das cidades e do urbano remete a um processo distópico, em que a

idealização da cidade, enquanto âmbito harmonioso, equitativo e constituído por matrizes de justiça socioespacial, torna-se uma promessa cada vez mais distante. Nesta leitura da cidade e do urbano as redes permitem análises que caracterizam tanto os níveis de seletividades e rupturas, mostrando quais *nós* da rede interagem e com que intensidade, quanto os níveis de participação e emancipação, priorizando os vetores que resistem enquanto âmbitos de luta por uma cidade com mais justiça socioespacial e qualidade de vida para toda a população.

É notório, assim, que o caráter reticulado da cidade e do urbano ganha relevância para análise da gênese, desenvolvimento, estabelecimento e desaparecimento dos aglomerados ou assentamentos humanos. As articulações em redes podem ativar ora mais as potencialidades de equidade e ora mais as tendências de inequidade, conhecê-las pode propiciar uma compreensão aprofundada dos processos envolvidos.

Referências

- ALVES, A. M.; FURINI, L. A. Fragmentação Socioespacial Urbana: tendências em uma cidade de porte médio. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 38, n. 3, p. 56-75, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/download/46375/751375152411/> Acesso em: 10 fev. 2021.
- CALDEIRA, T, P, R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v1).
- CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C. CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.
- CHRISTALLER, W. **Central places in southern Germany**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.
- COCATO, G. P. Estruturação da cidade e incorporação urbana: uma leitura a partir da expansão físico-territorial de Londrina- Produção urbana, Capitalismo. **GeoTextos**. vol. 17, n. 2, dezembro 2021. p.37-63.
- CORREA, R. L. **A rede urbana**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- _____. **O Espaço Urbano**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. Rede urbana: reflexões, hipótese e questionamentos sobre um tema negligenciado. **Cidades**. Vol. 1, n. 1. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2004. p. 65-78.
- _____. **Estudos sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (Orgs.) **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

- GUZMÁN RAMÍREZ, A.; HERNÁNDEZ SAINZ, K. M. La fragmentación urbana y la segregación social una aproximación conceptual. **Revista Legado de Arquitectura y Diseño**, n.14, julio-diciembre, 2013, p. 41-55 Universidad Autónoma del Estado de México Toluca, Estado de México, México.
- IBGE. **Regiões de influência das cidades (Regic) 2018**, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro : IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>
- LANGENBUCH, J. R. **A estruturação da Grande São Paulo: estudo de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de documentação e divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971.
- LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **GEOUSP**, Espaço e Tempo. São Paulo. nº 24. 2008. P. 109-123. Disponível: http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp24/Artigo_Sandra.pdf. Acesso: fev. 2009.
- MUMFORD, L. **A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PAQUOT, T. Ville fragmentee ou urbain eparpille?, In: NAVEZ-BOUCHANINE, F. **La fragmentation en question: des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale**. Paris: L'Harmattan, 2002, p. 241-250.
- PRÉVÔT-SCHAPIRA, M-F. Fragmentación espacial y social: conceptos e realidades. **Perfiles Latinoamericanos**, n.19, p. 33-56, dez. 2001.
- PRÉVÔT-SCHAPIRA, M-F.; PINEDA, R. Buenos.Aires: la fragmentación em los intersticios de una sociedad polarizada. **Eure**, vol. XXXIV, n.103, p.73-92, dez. 2008.
- REMY, J. & VOYE, I. **La ciudad y la urbanizacion**. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local, 1976.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4.ed.. São Paulo: EDUSP, 2004.
- _____. **Manual de geografia urbana**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1989.
- _____. **Metrópole corporativa fragmentada**. O caso de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1990.
- _____. **Urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOUAMI, T. Espaces sans frontieres? In: NAVEZ-BOUCHANINE, F. **La fragmentation en question: des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale**. Paris: L'Harmattan, 2002, p. 241-250.
- SOUZA, M. L. Redes. In: SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.
- SPOSITO, M. E. B. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. **Revista Scripta Nova**, Barcelona, n. 245, v. 11, 2007. n.p.
- SPOSITO, M. E. B; GÓES, E. M. **Espaços Fechados e Cidades: Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial**. 1ed. São Paulo: Unesp, 2013.
- SPOSITO M. E. B. Diferenças e desigualdades em cidades médias no Brasil: da segregação à fragmentação socioespacial. **XXXVII Latin America Studies Association - "Nuestra América": Justice and Inclusion**. 2019.
- SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. "Fragmentação Socioespacial". **Mercator**. Fortaleza, v.19, e19015, 2020. 13 p. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e19015>. Acesso em: 11. abr. 2020
- TAYLOR, P. J. **World city network: a global urban analysis**. London: Routledge, 2004.
- TEIXEIRA, S. H. O.; CATELAN, M. J. Novas articulações da rede de cidades no Brasil: uma análise das heterarquias por meio do sistema de movimento aeroviário. **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, MG. v.31, p.1-23. 2019. Disponível em:

<https://www.readcube.com/articles/10.14393%2Fsn-v31-2019-42622> Acesso em: 10. Mar. 2020.

Recebido: 13 jan 2023

Aceito: 08 fev 2023